

Assassinos mudam versão de crime

■ Em depoimentos idênticos, acusados tentam livrar menor e negam intenção de matar ou ferir, mas admitem que o crime foi premeditado

JAILTON DE CARVALHO

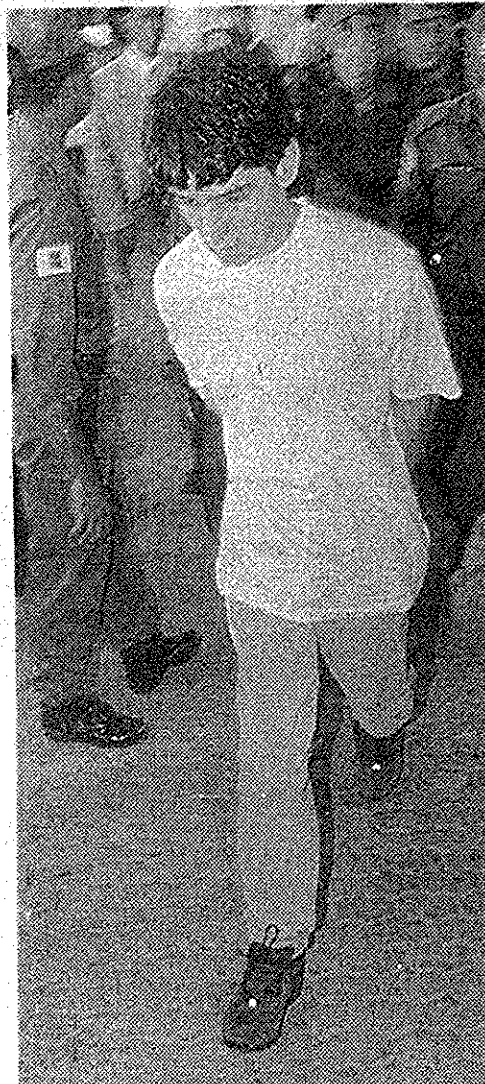
BRASÍLIA — Quatro dos cinco rapazes acusados de terem ateado fogo e matado o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos mudaram a versão do crime apresentada ao delegado Valmir Alves de Carvalho, da 1ª Delegacia de Polícia, em 20 de abril, dia do crime. Na sessão de depoimentos à juíza Leila Cury, do Tribunal do Juri, ontem, os quatro inocentaram o menor G.N.O.J, 17 anos, e negaram que tivessem tido a intenção de matar ou ferir o índio. Segundo eles, tudo não passou de uma brincadeira inspirada em "pegadinhas" de programas de tv.

"Eles mudaram alguns pontos. As contradições implicam em menos credibilidade", afirmou a promotora Maria José Miranda. "O que a gente quer é realização da Justiça e reprimenda na proporcionalidade (do delito)", rebateu Raul Lima, advogado de Eron Chaves de Oliveira, 19 anos, e Tomás Oliveira de Almeida, 18 anos.

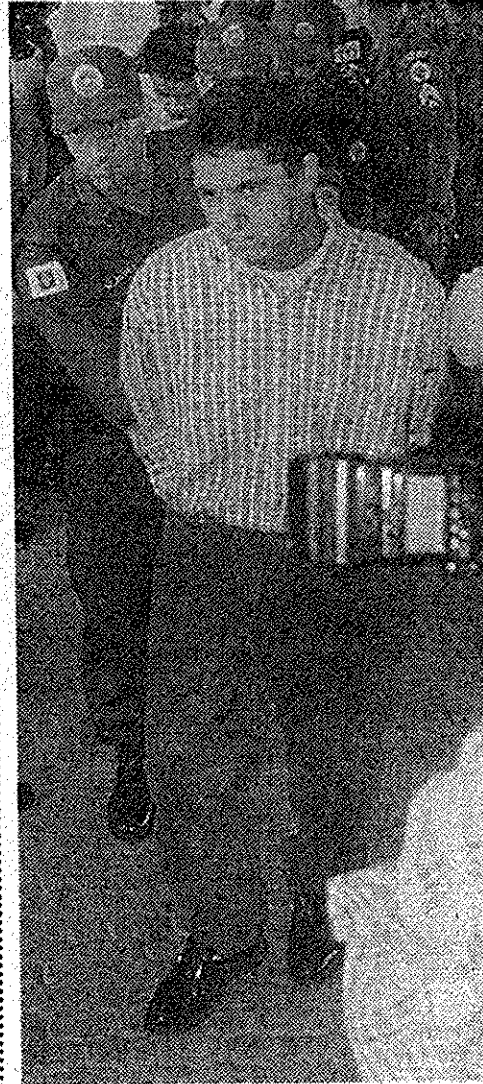
Orientados por seus advogados, Eron, Tomás, Max Rogério Alves, 20 anos, e Antônio Novelty Cardoso de Vilanova, 19 anos, fizeram relatos quase idênticos, mas diferentes da primeira versão apresentada à polícia. Os quatro contaram que se encontraram casualmente no Centro Comercial Gilberto Salomão, por volta da meia-noite do dia 19 de abril. Do grupo faziam parte ainda o menor G.N.O.J e Otávio Hermon Cançado, 19 anos.

Depois de uma ida à lanchonete Sky's, na 512 Sul, Otávio retornou para sua casa, em seu Fiat Tipo. O restante do grupo, também já no caminho de casa, resolveu dar uma volta para ver se encontrava algum lugar onde pudessem se divertir. Ao passarem pela W3, viram alguém dormindo embaixo do ponto de ônibus das quadras 703/704 sul. Um deles, do qual nenhum diz lembrar quem foi, teve a idéia de "comprar o álcool" no posto Cascão da 405 Sul e "pregar um susto" na pessoa que estava dormindo. "A gente estava conversando sobre pegadinhas do Faustão", contou Eron.

Com dois litros de álcool, colocados em dois vasilhames encontrados no posto, os cinco retornam à W3, estacionaram o carro na W2 (avenida paralela a W3) e foram até o ponto de ônibus onde Galdino dormia. No meio do caminho, conforme disseram, decidiram deixar o menor G.N.O.J, do outro lado da pista, mais próximo do carro, um



Eron Chaves lembrou no depoimento as "pegadinhas" da televisão.



O acusado Antônio Novelty não se recorda do autor da idéia de atacar o índio.



Tomás de Oliveira chegou cabisbaixo ao fórum de Brasília.

Monza preto de quatro portas, para uma eventual fuga. "Ele era muito fraco e poderia ficar para trás, se a pessoa (a vítima) quisesse bater na gente", disse Max, cuja explicação, também adotada pelos três amigos, foi interpretada pela promotora como tentativa de livrar o menor e, consequentemente, livrar-se da acusação de corrupção de menores.

Entre o local onde o Monza estava estacionado e o ponto de ônibus, os cinco resolveram que só usariam o álcool de um frasco.

O conteúdo do outro teria sido esvaziado na grama da praça. Com estas precauções, se aproximaram do corpo. Eron disse que derramou alguns "pingos" de álcool no pano na altura dos pés do índio e que um dos outros três (Max, Novelty e Tomás) se precipitou e riscou um palito de fósforo. O fogo subiu rapidamente e os cinco saíram correndo. Eron disse que, ao ver a vítima em chamas, pensaram em prestar socorro, mas fugiram quando perceberam testemunhas.

Esta, segundo a promotora Maria José,

foi uma das várias contradições cometidas pelos réus. No depoimento à polícia, os quatro maiores disseram que haviam encontrado o "líquido" dentro do Monza e que não sabiam do que se tratava. O produto teria sido jogado no "cobertor", na altura das pernas. Haviam dito ainda que "todos" riscaram os palitos de fósforos e não apenas um ou três. Os quatro maiores são acusados por homicídio triplamente qualificado e por corrupção de menor.